




# “A Liberdade é Terapêutica”: psiquiatria democrática e o duplo revelado no pensamento de Franco e Franca Basaglia revisitada

“Freedom is Therapeutic”: democratic psychiatry and the double revealed by Franco and Franca Basaglia’s thought revisited


**Luana Fonseca da Silva Rocha**

 <https://orcid.org/0000-0003-2018-8832>

Universidade Federal de Minas Gerais

Brasil

**Gustavo Rodrigues Rocha**

 <https://orcid.org/0000-0003-1621-4401>

Universidade Estadual de Feira de Santana

Brasil

## Resumo

A psiquiatria democrática, como ficou conhecida, trabalho expresso na vida e na obra de Franco Basaglia e Franca Ongaro Basaglia, será revisitada neste artigo em seu caráter epistêmico. Defende-se, portanto, neste trabalho, que o moto *A Liberdade é Terapêutica* tem, além de um sentido terapêutico, também um sentido epistêmico. A fim de se defender essa tese, serão analisadas as críticas de Franco e Franca Basaglia à psiquiatria institucional, sob o contexto revisitado da literatura mais atualizada em Estudos de Ciências. O conceito de *duplo*, em geral, e o conceito de *gênero*, em particular, serão as ferramentas conceituais dessa análise. As perspectivas dos Estudos de Ciências, da Epistemologia Feminista e da historiografia mais recente e atualizada das ciências e da psicologia serão utilizadas para analisarmos os trabalhos de Franco e Franca Basaglia sob este novo ponto de vista.

**Palavras-chaves:** psiquiatria democrática, história da psicologia, história da psiquiatria, movimento antimanicomial, estudos de gênero.

## Abstract

The so-called democratic psychiatry, as expressed through the work and lives of Franco Basaglia and Franca Ongaro Basaglia, will be revisited in this paper in its epistemic feature. Therefore, it will be argued in this paper that the motto “Freedom is Therapeutic” has, besides its therapeutic meaning, an epistemic meaning as well. In order to argue for this thesis, the critiques made by Franco and Franca Basaglia to institutional psychiatry will be analyzed under the revisited context of the current, and most updated, literature in Science Studies. The concepts of “double”, generally speaking, and of “gender”, strictly speaking, will be some of the conceptual tools for this analysis. The perspectives from Science Studies, Feminist Epistemology, and the most recent and updated historiography of science and psychology will be made tools to analyze the works by Franco e Franca Basaglia under this new lens.

**Keywords:** democratic psychiatry, history of psychology, history of psychiatry, anti-asylum movement, gender studies.



Supondo o espírito humano uma vasta concha, o meu fim, Sr. Soares, é ver se posso extrair a pérola, que é a razão; por outros termos, demarquemos definitivamente os limites da razão e da loucura. A razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí insânia, insânia e só insânia (Assis, 1882/1993, p. 28).

É assim que o Dr. Bacamarte explica para o seu amigo Crispim Soares a teoria por detrás da Casa Verde, o fictício hospício criado na cidade de Itaguaí pelo psiquiatra e personagem protagonista da famosa estória de Machado de Assis, *O Alienista*. Dr. Bacamarte, ao fim e ao cabo, e seguindo seus próprios modelos teóricos, acaba por internar quase todos os cidadãos da cidade. É notável, no entanto, apontar a inversão dialética entre médico e paciente ao final da estória, quando Dr. Bacamarte liberta os “loucos” e decide internar a si próprio na Casa Verde.

No âmago da obra *O Alienista*, portanto, colocada em relevo nessa passagem, nota-se, em primeiro lugar, a arbitrariedade (apontada pelo brilhante autor) na demarcação entre sanidade e loucura nas teorias da psiquiatria moderna (a dificuldade conceitual e a natureza social dessas classificações). Em segundo lugar, a internação voluntária de Dr. Bacamarte ao final do conto, ao passo que ele liberta os “loucos”, sugere que o médico e o insano se definem mutuamente, um como o negativo do outro (o que será analisado nesse trabalho como o fenômeno do *duplo*).

Ao se internar na Casa Verde, Dr. Bacamarte mostra a loucura subjacente às suas definições psiquiátricas. Qual é a natureza dessa “loucura” na psiquiatria de Bacamarte, ou seja, desse duplo incessante (médico/ interno, alienado/ alienista, demência/ sanidade, objetividade/ subjetividade)? O objetivo deste artigo é investigar a natureza do fenômeno do *duplo* a partir de uma reavaliação dos trabalhos de Franco e Franca Basaglia sob o ponto de vista da literatura mais atualizada da filosofia e da história das ciências – ponto de vista esse ainda não totalmente desenvolvido na época da atividade do casal Basaglia.

Inicialmente, de modo a se investigar como a perspectiva teórica e prática de Franco Basaglia<sup>1</sup> e Franca Ongaro Basaglia<sup>2</sup>, através da *psiquiatria democrática*,

<sup>1</sup> Franco Basaglia (1924-1980), italiano nascido em Gorizia, estudou medicina em meados da década de 1940, em Pádua, período em que militou na Resistência (movimento militar e político antifascista), obtendo especialização em doenças nervosas e mentais, na década de 1950, e livre-docência em psiquiatria. Foi um dos fundadores do movimento que ficou conhecido como Psiquiatria Democrática. Casou-se com Franca Ongaro, em 1953. Em 1961, deixou a Universidade de Pádua para dirigir o Hospital de Gorizia, onde começou as suas primeiras iniciativas de reforma psiquiátrica. Em 1979, proferiu uma série de conferências no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte, que deu origem ao livro *A Psiquiatria Alternativa: Contra o Pessimismo da Razão, o Otimismo da Prática* (Basaglia, 1980). Para uma referência bibliográfica completa da produção de Franco Basaglia, visitar a página da Fondazione Franca e Franco Basaglia: <http://www.fondazionebasaglia.it>. Para uma biografia resumida da vida e da obra de Franco Basaglia, consultar Serapioni (2019).

<sup>2</sup> Franca Ongaro Basaglia (1928-2005), italiana nascida em Veneza, iniciou o curso de sociologia em 1966, na cidade de Trento (não tendo, entretanto, concluído o curso), membra do Partido Comunista Italiano, foi uma das fundadoras do movimento que ficou conhecido como Psiquiatria Democrática. Escreveu livros, artigos, editou e traduziu textos para o italiano. Após a morte de



responde a essa questão do duplo, voltaremos a nossa atenção a três temas presentes nas obras dos dois autores: 1) a crítica ao cientificismo e ao tecnicismo na psiquiatria; 2) a crítica à reificação e à visão a-histórica e apolítica na psiquiatria; e 3) a questão de gênero na ciência. Nesse ponto, o artigo se baseará também em fontes primárias referentes à visita de Franco ao Brasil. Finalmente, essas reflexões serão revisitadas sob o ponto de vista da literatura mais atualizada das ciências *PSI* (psicologia, psicanálise e psiquiatria), dos Estudos de Ciências e da epistemologia feminista.

## A Doença e seu Duplo

Franco e Franca Basaglia, em artigo de 1970, de título *A Doença e seu Duplo: Propostas Críticas sobre o Problema do Desvio* (Basaglia, 1970/2005), localizam o duplo na figura do “desviante” como um produto da dinâmica interna do capitalismo.

A análise do papel dos desviantes nos EUA nos permite compreender o quanto sua existência, como questionamento prático dos valores típicos de um país de capitalismo avançado, pode mostrar-se ameaçadora sempre que não for reabsorvida dentro do jogo social. Desse modo, consegue-se transformar o desviante, como expressão da face perdedora do capital, no problema do desviante, como uma das muitas faces do capitalismo vitorioso, no sentido de que ele é assumido como problema técnico, para o qual estão prontas as soluções técnicas mais apropriadas. A ideologia do desvio como problema interno à dinâmica do capitalismo avançado serve, nesse caso, para confirmar a vinculação ao mesmo jogo social daquilo que nascera como uma recusa desde (consciente ou não), reforçando ao mesmo tempo a posição do capital, que consegue anular as forças a ele opostas, ao racionalizá-las como problema ideológico (Basaglia, 1970/2005, pp. 166-167).

A ideia do duplo como produto de contradições (seja do capitalismo em geral ou de instâncias particulares) é uma constante subjacente não apenas à produção bibliográfica de Franco e Franca Basaglia, mas de toda a literatura da psicologia profunda<sup>3</sup>.

---

Franco, em 1980, Franca continuou a luta pela humanização da medicina psiquiátrica. Entre os anos de 1983 a 1992, Franca exerceu o cargo de senadora por dois mandatos pela Sinistra Indipendente (Esquerda Independente), apoiada pelo Partido Comunista Italiano, tendo assumido liderança na batalha parlamentar pela aplicação dos princípios estabelecidos pela reforma psiquiátrica. Franca escreveu bastante sobre a situação das mulheres (com destaque para Basaglia [1982, 1983]). Para uma referência bibliográfica completa da produção de Franca Ongaro, visitar a página da Fondazione Franca e Franco Basaglia: <http://www.fondazionebasaglia.it>.

<sup>3</sup> Eugen Bleuler (1857-1939), um dos pioneiros a introduzir a psicanálise na Suíça, em uma época em que a psicanálise também era conhecida como a psicologia do inconsciente, é geralmente creditado por ter cunhado o termo *psicologia profunda*. O termo se refere a todo o sistema de psicologia (como os sistemas de Pierre Janet, Sigmund Freud, Alfred Adler, C. G. Jung, entre outros) que tem como pressuposto a existência de uma esfera inconsciente da atividade psíquica, assim como de seus processos e mecanismos psicodinâmicos responsáveis pela produção dos fenômenos psíquicos observados (fenômenos esses que os diversos sistemas de *psicologia profunda* pretendem



De fato, o duplo, enquanto sintoma das contradições da sociedade capitalista, está em todo lugar, na literatura psicanalítica, na psiquiatria democrática, no papel do teatro ou da teatralidade, em psicoterapias alternativas, como Gestalt-terapia, psicodrama, etc., tendo uma origem mais remota no mesmerismo do século XVII e no espiritismo do século XIX (Rocha & Rocha, 2017).

Neste trabalho, pretende-se explorar as questões: 1) do duplo no médico; 2) do duplo no paciente em geral; e 3) do duplo no paciente em particular (a saber, na questão de gênero na ciência).

## **O Cientificismo e o Tecnicismo na Psiquiatria (o duplo no médico)**

Franco Basaglia assume a direção do Hospital de Gorizia em 1961 e, baseando-se nessa experiência, publica, em 1968, a sua obra seminal *A Instituição Negada: Relato de um Hospital Psiquiátrico*. No seu ensaio *As Instituições da Violência*, Basaglia já apontava a mitificação pelo tecnicismo do enigma da natureza do duplo em psiquiatria: “A realidade não pode ser definida a priori: no momento mesmo em que é definida, desaparece para tornar-se um conceito abstrato. O perigo, no momento atual, é querer resolver o problema do doente mental através de um aperfeiçoamento técnico” (Basaglia, 1968/1985, p. 126).

O tecnicismo é a tendência em apresentar, como meros problemas técnicos, problemas ou fenômenos humanos, sociais, culturais, políticos e históricos, originalmente complexos. O resultado é que as soluções apresentadas por essa concepção tecnicista, geralmente, desumanizam, desistoricizam e mitificam o complexo contexto e a intrigada rede de relações por detrás do fenômeno analisado. O paciente é objetificado (e se desumaniza). A relação é perdida (com a sociedade, com o psiquiatra).

Erving Goffman, em sua obra de 1961, *Manicômios, Prisões e Conventos* (obra traduzida para o italiano por Franca Ongaro), aponta para esse processo de desumanização em instituições psiquiátricas, ao notar que “como material de trabalho, as pessoas podem adquirir características de objetos inanimados” (Goffman, 1961/1974, p. 70). O sujeito tornado objeto deixa de escancarar os problemas que “incomodam”, como sintomas de uma sociedade que os escondem.

Analogamente, Ronald David Laing, em sua obra de 1960, *O Eu Dividido*, aponta essa mitificação do vocabulário psiquiátrico ao notar que “os termos do atual vocabulário técnico referem-se ao homem isolado dos seus semelhantes e do mundo, isto é, como uma entidade não essencialmente *relacionada com* o outro e em um mundo, ou a aspectos falsamente substancializados dessa entidade isolada” (Laing, 1960/1973, p. 17, grifo do autor).

---

explicar, como, por exemplo, mas não exclusivamente, as psicopatologias e os ditos fenômenos do espiritismo, etc.).





A abstração através da técnica (por meio de instrumentos de classificação, medição, precisão, quantificação, visualização, etc.) é uma negação implícita da natureza dialética das interações humanas, que tacitamente favorece (através do discurso cientificista da objetividade) um único polo dessa relação, a saber, do médico – que, para Basaglia, funciona como o “delegado da sociedade” (Basaglia, 1968/1985, p. 110), enquanto silencia o outro, a saber, do paciente (cuja doença mental se estruturou nas bases dessa mesma sociedade que o excluiu).

O tecnicismo, portanto, esconde essa operação. O paciente, a despeito de carregar em si (enquanto sintoma) as contradições da sociedade onde estava inserido (tendo sido, em seguida, através da instituição psiquiátrica, excluído), tem a sua subjetividade silenciada através da coisificação da doença mental – essa operação de converter uma relação social, política, histórica em um “objeto físico” passível de ser operado pela (ou submetido à) técnica.

É, portanto, um ato de violência que Basaglia denuncia como sendo o pano de fundo da constituição da instituição psiquiátrica. O sentido dialético do fenômeno desaparece na mitificação tecnicista. Em nome de uma suposta cientificidade/ objetividade, o outro é classificado, objetificado e quantificado. O estudo da doença mental perde o seu aspecto político, social e histórico, tornando a “doença mental” um substantivo (ao invés de um fenômeno, ao invés de um processo, de uma relação dialética e dinâmica).

Ao se coisificar, ou seja, entender como substância aquilo que deveria ser tomado como um processo, reifica-se a doença mental, ou seja, encarcera-se em uma jaula conceitual os problemas concretos, vividos, a real raiz do mal do paciente interno nas instituições psiquiátricas, e entrega-se às chaves dessa jaula conceitual ao psiquiatra carcereiro, como Basaglia deixa claro nessa passagem: “a objetivação não é a condição objetiva do doente, mas se localiza no interior da relação entre doente e terapeuta, no interior, portanto, da relação entre o doente e a sociedade que delega ao médico sua cura e tutela” (Basaglia, 1968/1985, p. 110).

Os instrumentos conceituais, abstratos, simbólicos, autorizam, agora, a práxis medieval de exclusão, julgamento, exorcismo e excomunhão. T. S. Szasz (1984), em sua obra *A Fabricação da Loucura*, mostra com riqueza de exemplos esse paralelo histórico. Se na Inquisição o perigo era a feiticeira, enquanto o protetor da sociedade era o inquisidor, na psiquiatria institucional o perigo é o louco, enquanto o protetor da sociedade é o alienista (como o Dr. Bacamarte do conto de Machado de Assis).

A conceitualização do paciente justifica e autoriza o seu internamento e o seu tratamento. As categorias da psiquiatria institucional funcionam como a racionalização do internamento e a justificativa do tratamento aplicado ao paciente.

A sociedade entrega, desse modo, ao seu “delegado” médico psiquiatra, a tarefa de racionalizar (ou esconder) as contradições do sistema social, político e



histórico em que estamos inseridos e vivemos. Franco deixa claro essa questão (ou “ponto cego” na psiquiatria institucional) em diálogo com Sartre, publicado em 1970: “O teórico burguês aceita automaticamente a prática institucional como coisa definitiva, como se não fosse possível questioná-la ou como se não dependesse dela a definição que sua própria intervenção técnica dirá” (Basaglia, 1981 p. 7).

R. D. Laing, em sua obra de 1960, *O Eu Dividido*, também denuncia esse papel exercido pelo vocabulário (nesse caso, falsificador) psiquiátrico/ psicanalítico:

Tais palavras são: mente e corpo, psico e soma, psicológico e físico, personalidade, self, organismo. Todos estes termos são abstratos. Em vez do elo original entre Eu e Você tomamos um homem isoladamente e conceitualizamos seus diversos aspectos como *o ego*, *o superego*, e *o id* (Laing, 1960/1973, p. 17, grifo do autor).

A categoria da *exclusão*, por outro lado, recupera a concretude da doença mental em suas relações dialéticas com a sociedade que marginalizou o doente mental. Ao desmitificar as adjetivações atribuídas aos enfermos encarcerados nas instituições psiquiátricas, revela-se o papel primeiro da sociedade/ instituição na definição da doença. Franco e Franca Basaglia (1970/2005) explicam em seu artigo *Um problema de psiquiatria institucional: A exclusão como categoria sociopsiquiátrica*:

A psiquiatria se vê hoje confrontada com uma realidade que foi posta em discussão a partir do momento em que – superando o impasse da dualidade cartesiana – o homem se revela como objeto num mundo objetual, mas simultaneamente sujeito de todas as suas possibilidades. Somente a compreensão desta premissa pode explicar a crise de uma ciência que, em vez de ocupar-se do doente mental na sociedade em que esse vive, construiu gradativamente uma imagem ideal de homem, de modo a garantir a validade científica do castelo de entidades mórbidas no qual havia encerrado os respectivos sintomas. De fato, a psiquiatria clássica limitou-se à definição das síndromes em que o doente, arrancado de sua realidade e apartado do contexto social em que vive, vê-se etiquetado, “constrangido” a aderir uma doença abstrata, simbólica e, enquanto tal, ideológica (Basaglia, 1970/2005, p. 161-186).

Assim, desvela-se a relação médico e paciente e, ao fim e ao cabo, a relação enfermo e sociedade. Sartre responde ao Franco no referido diálogo de 1970:

De fato, o profissional tem uma atividade prática e está envolto pela ideologia que, por outro lado, está substancialmente em contradição consigo mesma. Por exemplo, um psiquiatra no instante de sua prática se encontra em contato direto com os marginalizados, isto é, com aqueles que a sociedade designa de loucos. O psiquiatra não só encontra envolto pela ideologia como também pela instituição psiquiátrica que define o que é louco (a instituição e a ideologia definem a loucura) (Basaglia, 1981, p. 7).

O cientificismo é uma herança da epistemologia inspirada nas ciências formais (como a lógica) e nas ciências naturais (como a física; como o positivismo).



Portanto, o cientificismo esconde (ou simplesmente não problematiza) a dicotomia entre fatos e valores (que “salta aos olhos” nas ciências humanas). Assim, juízos de valor se passam como juízos sobre fatos.

Os juízos sobre fatos (“aquilo que é”) obscurece, assim, os juízos sobre valores (“aquilo que deve ser”). Portanto, e por essa razão, Basaglia trouxe ao relevo a categoria da “exclusão” para a psiquiatria democrática, o cientificismo se torna o que T. S. Szasz chamou da *retórica da rejeição* (onde o “excluído”, o “rejeitado”, desaparece):

Nas ciências físicas, onde a linguagem é usada principalmente de forma descritiva – isto é, para comunicar como as coisas são – é frequente que tal análise seja suficiente para dissipar as obscuridades. Contudo, nas ciências sociais ou humanas, onde a linguagem não é só usada descritivamente, mas também promocionalmente – ou seja, para comunicar não somente como as coisas são, mas também como deveriam ser – isso não basta e deve, conseqüentemente, ser complementado por uma análise dos aspectos históricos, morais e táticos do conceito em questão (Szasz, 1977 p. 53).

A categoria da exclusão, por outro lado, como proposta por Basaglia, desfaz a coisificação ou o processo de reificação (de res = coisa) do vocabulário psiquiátrico. “O pensamento é a linguagem, segundo Wittgenstein” (Laing, 1960/1973, p. 17), e as categorias do meu pensamento podem se tornar, despercebidamente, as categorias da minha realidade. É essa a mitificação do tecnicismo denunciada por Basaglia, sendo a psiquiatria institucional muito cientificista.

O cientificismo, em primeiro lugar, tende a tomar as ciências naturais como paradigma para todas as ciências, uma visão positivista observada desde Auguste Comte (1798-1857). Em segundo lugar, tende a supor a existência de um método universal, empirista-indutivista, para todas as ciências.

O tecnicismo e o cientificismo, portanto, obscurecem a dimensão relacional, seja intersubjetiva (relação entre sujeitos), seja interobjetiva (relação social, histórica e política), na psiquiatria institucional, criando o duplo papel do médico, ou seja, o seu dilema, a saber, nas instituições tradicionais: entre ser um “delegado da sociedade” (que ajusta o doente) ou um terapeuta/ agente de cura de fato (que liberta o doente).

Dr. Bacamarte enlouquece e interna a si mesmo no hospício, enquanto libera todos os outros pacientes da Casa Verde, justamente por não conseguir solucionar esse dilema, esse duplo papel do médico preso, junto aos seus pacientes, nas jaulas conceituais do tecnicismo e do cientificismo.

Dr. Bacamarte libera os “loucos”, mas não liberta a si próprio, é incapaz de ir para além da psiquiatria institucional. Franco e Franca Basaglia em seu ensaio *A Maioria Desviante*, de 1971, esclarece esse dilema e sua natureza ambígua de maneira cristalina:



O psiquiatra age sempre em sua dupla incumbência de homem de ciência e de tutor da ordem. Mas os dois papéis estão em evidente contradição, uma vez que o homem de ciência deveria visar a salvaguardar e tratar o homem doente, enquanto o tutor da ordem a salvaguardar e defender o homem são. Qual dos dois polos contrastantes prevalece no papel do psiquiatra? (Basaglia, 1971/2005, p. 202)

O duplo no médico se resolve ao se converter técnicos e médicos psiquiatras em militantes. É o que nos esclarece Maria Stella Brandão Goulart, a respeito do movimento antimanicomial italiano das décadas de 1960-70:

Entre os anos 60 e 70, podemos constatar uma grande complexificação do papel dos psiquiatras antimanicomiais, ou democráticos. Seguindo uma via de certa forma inversa à que preconizara Parsons, eles se convertem em militantes quando se estruturam como movimento social. Pensando nas variáveis padrão, podemos afirmar que eles rompem com a neutralidade do discurso psiquiátrico, constituindo discurso crítico e valorizando o contato comprometido e a afetividade nos vínculos terapêuticos e de confiança entre os pares. Recusam os limites de especificidade disponibilizados normativamente, optando por modos difusos de intervenção. Basaglia chegou a ser acusado de não exercer a psiquiatria, e sim a sociologia (Goulart, 2004, p. 271).

*A Liberdade é Terapêutica* – com esse mote, Basaglia sintetizou anos de experiência e teorização. *A Liberdade*, no entanto, só se torna possível em concreto em uma sociedade efetivamente e radicalmente democrática. É por essa razão que, revelado o enigma do duplo escondido por detrás do tecnicismo, apenas a politização e a historização das instituições psiquiátricas produzirão o status de científico dessa práxis (e a superação do autoritarismo institucionalizado).

### **A Reificação e a Visão A-histórica e Apolítica na Psiquiatria (o duplo no paciente em geral)**

O avanço do tecnicismo na psiquiatria não se desenvolve “naturalmente”, como que por um mero acaso, ou como um processo inteiramente inconsciente. Há vários níveis de inconsciência, semiconsciência e consciência plena envolvidos. A verdadeira face do tecnicismo é sê-lo, em sua essência, um ato político, como deixa claro R. D. Laing em sua obra de 1967 *A Política da Experiência*:

A linguagem teórica e descritiva de grande parte da pesquisa relativa à ciência social adota uma aparente posição de neutralidade *objetiva*. Mas já vimos o quando isto pode ser enganador. A escolha da sintaxe e do vocabulário são atos políticos que definem e circunscrevem a maneira pela qual os  *fatos*  serão sentidos. Na verdade, de certo modo vão ainda mais longe, criando os fatos a serem estudados (Laing, 1967/1974, pp. 47-48, grifo do autor).





O discurso científico não parece construído para descrever as coisas que existem no mundo *ipsis litteris*. O discurso científico é um discurso sobre formas de se operar sobre o mundo. Os conceitos científicos, portanto, são fórmulas figuradas de intervenções/ modificações concretas sobre a natureza (como o “paciente objetivado”).

Os métodos (conceituais, como a matematização, a lógica indutiva, a abordagem estatística, e assim por diante; e materiais, como os processos e protocolos experimentais, as mediações tecnológicas de visualização [como PET, ressonância magnética, etc.], a crescente precisão dos instrumentos de medição, e assim por diante) tornam-se uma ontologia. Os métodos tornados ontologia. É nesse sentido que a teoria psiquiátrica/ psicanalítica se torna uma reificação da prática clínica, da constituição das instituições e do *status quo* da sociedade (seja numa linguagem biologicista ou darwinista).

Procede-se, desse modo, uma naturalização dos valores da sociedade dominante em linguagem (pseudo)científica. A “doença mental”, uma vez naturalizada, se despolitiza, se desistoriciza. Nas palavras de Franco Basaglia (1968/1985), em seu ensaio *As Instituições da Violência*: “O ato terapêutico revela-se um ato político de integração, na medida em que tende a reabsorver, num nível regressivo, uma crise em pleno curso; ou seja, a reabsorver a crise retrocedendo à aceitação daquilo que a provocara” (p. 126).

É sabido, por exemplo, que, na história da psicanálise, a questão do duplo das pacientes históricas se resolveu, ao fim e a cabo, não na simples *talking cure* (cura pela fala) da clínica psicanalítica, mas no engajamento político, social e cultural das pacientes que se recuperaram (sendo essas depois apresentadas na literatura como casos de sucesso de curas pelo método psicanalítico).

A *cura pela fala* é o primeiro nome que a psicanálise recebeu, cunhado pela paciente histórica Bertha Pappenheim, estudada por Sigmund Freud e Josef Breuer (caso publicado com o pseudônimo de Anna O., em *Estudos Sobre a Histeria*).

O destino e a história de Bertha Pappenheim (1859-1936) exemplificam o engajamento social e político como fator de cura. Pappenheim foi tratada por Josef Breuer entre 1880 e 1882. Todavia, a sua recuperação foi progressiva e se desenvolveu ao longo dos anos em um contexto biográfico que se moveu da cura pela fala para um engajamento social e político progressivo. Primeiro, a cura pela fala se tornou *cura pela escrita*:

Em 1888, Bertha se mudou para Frankfurt. De início, engajouse em atividades literárias, usando seu talento para contar 11 histórias, tão importante para a fundação da psicanálise, num pequeno livro de contos para crianças, cujo teor é muito semelhante ao das histórias que Breuer a ouviu iniciar a *cura pela fala*. Em 1890, publicou um volume de contos, *Na Loja de Artigos Usados*, sob o pseudônimo de P. Berthold (Appignanesi & Forrester, 2010, p. 140, grifo dos



autores).

Em seguida, a *cura pela escrita* se tornou a *cura pelo ativismo social e político*:

Em 1898, iniciou o que seria uma carreira fecunda de jornalista e panfletária com um artigo sobre educação de mulheres jovens da classe média, defendendo que fossem preparadas para ter uma vida independente e que conhecessem o mundo real, em vez do mundo protegido em que viviam confortavelmente em família. Em 1899, traduziu para o alemão *Defesa dos Direitos das Mulheres*, de Mary Wollstonecraft, e escreveu uma peça intitulada *Direito da Mulher*, que punha em relevo a exploração política, econômica e sexual das mulheres (Appignanesi & Forrester, 2010, p. 141, grifo dos autores).

Finalmente, como nota os autores de *As Mulheres de Freud*, “Pappenheim havia se tornado uma autêntica feminista – uma profissão paralela para muitas pacientes históricas de Freud” (Appignanesi & Forrester, 2010, p. 141). O caminho de Pappenheim se tornaria paradigmático.

A psicanálise inaugurou a análise biográfica dos pacientes (diferente das históricas de Jean-Martin Charcot (1825-1893), por exemplo, no Hospital Salpêtrière). Todavia, os sistemas de psicologia profunda (como a psicanálise) perderam algo de importante que a psiquiatria democrática pretendeu recuperar e explicitar, a saber, a dimensão política, social e histórica das formações e definições psicopatológicas.

A dimensão histórica-biográfica descoberta pela psicanálise se reservou à relação paciente e analista (no processo técnico que se tornou conhecido, em psicanálise, como transferência e contratransferência). Portanto, a psicanálise (com exceção de alguns ilustres dissidentes) não explorou a relação paciente e sociedade no processo curativo.

A psicanálise, ao orientar-se por uma concepção biologicista/darwinista, a fim de instituir a fundamentação de sua cientificidade, falseou, através de uma nova camada de (re)significação, ao invés de revelar, aquilo que teria sido a sua mais formidável descoberta.

Ao movimento psicanalítico da virada do século XIX, faltava, a fim de se constituir epistemicamente, a fim de se respaldar cientificamente, a sua dimensão ontológica-sociológica, ou seja, deveria tornar-se um movimento sociológico (e, ao fim e ao cabo, político; fundar-se na história).

O estudo da psique atualmente sofre da mesma ameaça reduzida ao biologicismo: a saber, de ser devorada pelas neurociências e pela psicologia cognitiva. O engajamento político-histórico (a função de ativista, poder-se-ia dizer, ou o papel social) não é opcional para o pesquisador em ciências humanas (como uma atividade da vida privada ou pessoal – que se distingue da atividade profissional). Pelo contrário, a cientificidade da prática desse profissional depende de seu engajamento. As divisões clássicas da sociedade moderna (entre as esferas do Estado, do Mercado e da Sociedade Civil) obscurecem os fundamentos da cientificidade das



ciências humanas (não por acaso, ao desvelar essa falsidade, Franco Basaglia foi acusado de praticar a Sociologia, ao invés da Psiquiatria).

O pesquisador deve mergulhar na realidade histórica do seu objeto a fim de descobri-lo. O seu objeto é autorreferente (distinto, portanto, da estrutura denotativa das ciências naturais). A sua forma de conhecer é, também, uma forma de vir-a-ser histórico (de tornar-se), e é essa, precisamente, uma das descobertas científicas mais notáveis da psiquiatria democrática.

Finalmente, pode-se notar a analogia dialética entre os dois desígnios do duplo no paciente e no psiquiatra em sua solução na práxis vivida, ou seja, em todo caso, tanto paciente quanto psiquiatra, se politizaram, recuperaram a sua historicidade, o seu "estar aí (Dasein) no mundo". Ademais, como se nota, os dois polos precisam se mover juntos, de modo a reformar a instituição psiquiátrica (humanizando-a).

### **A Questão de Gênero na Ciência e na Psiquiatria (o duplo no gênero em particular)**

Em conferência proferida no Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo, em 18 de junho de 1972, alguém presente na plenária perguntou ao Franco Basaglia: "De acordo com o que o senhor Basaglia colocou, como se explicaria a ausência de mulheres na mesa de debates?". Ao que Basaglia respondeu: "Nessa mesa a mulher presente (a tradutora) tem um papel de inferioridade, isto é, traduzir não é papel ativo, mas passivo. Mas isso não é culpa minha!" (Basaglia, 1980, p. 16).

É interessante lembrar que, em *O Alienista*, de Machado de Assis, Dr. Bacamarte escolhe a sua esposa, Dona Evarista, uma mulher por volta dos 25 anos, "que não era nem bonita nem simpática" (Assis, 1882/1993, p. 8), por julgá-la capaz de lhe gerar bons filhos. Portanto, a mulher como "meio" (um papel passivo) para as intenções masculinas é uma constante encontrada em nossa sociedade misógina.

O duplo, em sua acepção de paciente em geral, apresenta-se em diversas instanciações particulares (que elucidam de maneira concreta o fenômeno do duplo como classe abstrata). Desse modo, nessa seção, nos caberá elucidar como o duplo se apresenta, em particular, na questão de gênero nas ciências PSI (psicologia, psiquiatria e psicanálise).

A categoria do excluído, em Basaglia, é muito ampla (podendo incluir todo tipo de lado fragilizado em uma sociedade opressiva, onde as questões de gênero, raça/etnia, classe, etc., assumem instâncias particulares). Grosso modo, revela-se sempre um conflito de interesses na sociedade (entre governantes e governados, capitalistas donos dos meios de produção e trabalhadores, mestres e escravos, e assim por diante), onde, a partir da história do lado mais fraco, se encontra o excluído.



De modo a prosseguir com essa reflexão, remete-se a um trabalho desenvolvido pelos autores sobre a história da psicanálise em sua relação com a história do espiritismo na virada do século XIX e início do século XX (Rocha & Rocha, 2017), quando muitas das categorias da psicologia profunda e da psiquiatria dinâmica estavam sendo construídas, entre as quais o conceito de *feminilidade* (ou *natureza feminina*)<sup>4</sup>.

É de importante relevo a observação de Franco Basaglia de que o papel (passivo/ inferior) da assistente na conferência era de tradutora (ou seja, mediadora da mensagem). De fato, como tivemos a oportunidade de delinear em detalhes alhures (Rocha & Rocha, 2017), é importante enfatizar que a mediunidade, na virada do século XIX e início do século XX, por exemplo, estava intimamente associada à feminilidade através de duas *qualidades femininas*: a negatividade e a passividade.

A palavra *medium*, em latim, significa *meio* (e dá origem tanto a verbos como *mediar*, quanto a nomes como *mídia*). As mídias, do final do século XIX, novidades da Belle Époque, são o telégrafo, o telefone e a máquina de escrever. As poucas profissões femininas aceitáveis, não por coincidência, eram de secretária, telegrafista, telefonista e datilógrafa (profissões de *mediadoras* da mensagem).

Analogamente, tanto (I) a mediunidade era uma característica feminina no contexto do espiritismo da virada do século XIX e início do século XX, como amplamente demonstrado pela literatura recente sobre essa temática (Braude, 1989; Galvan, 2010; Lehman, 2009; Owen, 1989; Massicotte, 2017), quanto (II) a histeria era considerada, no mesmo período, uma doença tipicamente das mulheres<sup>5</sup>.

<sup>4</sup> A fim de se explorar essa relação, privilegia-se a interpretação da psicologia profunda a respeito do estado de transe mediúnico. Ao final do século XIX, os criadores da psicologia profunda chegaram a um consenso a respeito dos mecanismos explicativos do fenômeno mediúnico (a despeito de diferenças nos detalhes). De acordo com estes psicólogos, psicanalistas e psiquiatras, dois preconceitos filosóficos (compartilhados pelo senso-comum e pelo espiritismo) se colocavam como obstáculos e precisavam ser superados a fim de se explicar fenômenos como os sintomas histéricos e a mediunidade. O primeiro obstáculo a ser superado seria o preconceito filosófico de que existe algo como uma unidade da consciência, dona de si mesma e autoconsciente, agindo deliberadamente e responsabilmente, geralmente conhecida como *eu* (ego) ou *self*. O segundo obstáculo a ser superado seria o preconceito filosófico de que existe uma causa consciente para todo efeito inteligente. A psicologia profunda, ao contrário, pressupunha que: I) não existe unidade da consciência (a tese do self múltiplo ou dissociado); e II) há causas inteligentes inconscientes (como as partes dissociadas inconscientes da mente). O *espírito* da médium mulher é entendido, dentro desse quadro teórico, como o seu duplo (ou alter ego) masculino. O *retorno do reprimido*, em sentido psicanalítico, é compreendido, nesse contexto, como a sombra (espírito) que volta para *assombrar* essa sociedade misógina e repressora que a criou (dissociou/ reprimiu).

<sup>5</sup> O médico francês Briquet publicou o primeiro grande tratado moderno sobre histeria em 1859. Briquet pesquisou 430 pacientes histéricos e encontrou histeria feminina na proporção de 19 para cada 20 casos investigados (Ellenberger, 1970). O próprio termo *histeria*, associado às mulheres, etimologicamente, significa sofrimento uterino. O médico Jean-Martin Charcot retomou o trabalho de Briquet no famoso Hospital de Salpêtrière. Em 1842, apenas 1% das mulheres internadas no Hospital Salpêtrière recebia o diagnóstico de histéricas. Em 1882, o percentual já havia subido para 18% e a histeria havia se tornado a clássica doença da moda da Belle Époque (Appignanesi & Forrester, 2010). Freud estudou com Charcot em 1885. Os casos clínicos clássicos de histeria na obra psicanalítica de Freud são os cinco dos *Estudos sobre a Histeria* (1895) (Srta. Anna O., Sra. Emmy von N., Miss Lucy R., Katharina e Srta. Elisabeth von R.) e o caso Dora publicado como *Fragmento da Análise de um Caso de Histeria* (1905). Portanto, todos os casos são de mulheres.





Em todo o caso, o duplo aparece como o alter ego masculino das mulheres, seja enquanto *sombra* (*espírito*) da médium ou enquanto *sintoma* da histérica.

O filósofo e historiador da psicanálise, Paul-Laurent Assoun (1993), em *Freud e a Mulher*, captou esta pista:

A histérica, o exemplo mais eminente da mulher enquanto sintoma da cultura, é aquela que denuncia através de seu sintoma uma das causas de sua infelicidade: uma civilização demasiadamente fálica que se opõe a seu querer feminino, ou pelo excesso (supervalorização sexual) ou pela falta (depreciação amorosa). A recusa à feminilidade imposta pela civilização, seja por processos claros ou sutis de repressão, neurotiza a mulher, restando a esta apenas encarnar o negativo neurótico da perversão de seu duplo masculino (Assoun, 1993, p. 13).

A feminista Ann Braude (1989), em *Radical spirits: spiritualism and women's right in nineteenth-century America*, também assim expressou essa pista:

A mediunidade estava intimamente associada à feminilidade. A escritora espírita muito popular Cora Wilburn saudou o advento da comunicação espírita apelidando-a de *sotaque persuasivo da língua de mulheres inspiradas*. Nem todo médium era mulher, mas a associação da mediunidade com a feminilidade era tão forte que não podia ser desfeita nem pela evidência ao contrário da existência de médiuns homens: *O médium pode ser homem ou mulher – mulher ou homem – mas, em todo caso, as características serão femininas: negativa e passiva* – disse um líder espírita do período (Braude, 1989, p. 23, grifos da autora).

Desse modo, as mulheres eram associadas a papéis de *mediadoras* nestes dois sentidos relacionados na virada do século XIX: da *seance* espírita e da telecomunicação, não diferente, entretanto, da acepção da tradutora, que também mediava a comunicação entre Franco Basaglia e a sua audiência (traduzindo do italiano para o português e vice-versa).

A sessão espírita (não por acaso conhecida na época como *spiritual telegraph*) era organizada ao redor de uma mesa em círculo (como um circuito elétrico) onde todos, revezando-se, homens (polo positivo), e mulheres (polo negativo), se davam as mãos (como pilhas em série). A mulher era vista como aprazível, transigente e maleável (que se demonstra resignadamente favorável à dominação masculina).

A natureza feminina era identificada com a docilidade e a ductilidade (branda de se moldar). De tal sorte que a mulher era o medium perfeito – na metáfora elétrica, diferente do *isolante*, a mulher seria o *condutor* (comunica a *mensagem* sem interferência).

No caso das profissões femininas *mediadoras*, a passividade era uma qualidade desejável. Efetivamente, o mercado de secretárias era dominado por mulheres. A natureza feminina era o perfeito *médium* porque supostamente transmitia o sinal sem ruído.



Diferente da natureza masculina (ativa), valorizada pela força de vontade e pelo exercício do livre-arbítrio, a natureza feminina (passiva) é valorizada por ser o perfeito receptáculo (capaz de acomodar o conteúdo que, por sua natureza, não é capaz de por si mesma produzir).

O homem era associado ao espírito (que coordena o corpo), enquanto a mulher era associada ao corpo (que é coordenado pelo espírito). É a histérica que somatiza os sintomas (como na histeria), em contraste à ideação dos sintomas do obsessivo-compulsivo (como é o caso, por exemplo, da ruminação de pensamento)<sup>6</sup>. A *mensagem* é entendida como faculdade do espírito (masculino). O corpo (feminino) apenas transmite a *mensagem* (e, quanto mais maleável, sensível, impressionável e sugestível, melhor executa sua função *mediadora*).

Nesta época do *fin-de-siècle*, por conseguinte, as mulheres eram percebidas como as mediadoras *par excellence* das mensagens transmitidas, seja na esfera do profano, seja na esfera do sagrado. O método da datilografia, por exemplo, exigia digitar sem pensar, assim como na escrita automática mediúnica.

A convicção de que a mulher seria este perfeito “corpo sem mente” se adequava à convicção vigente a respeito da “capacidade limitada da mulher ao trabalho cerebral” e de sua suposta “carência de agência subjetiva”. A mulher é definida como sendo “fraca dos nervos”.

Todavia, as médiuns mulheres da virada do século XIX se encontravam no meio do caminho, entre, por um lado, as histéricas das origens históricas da psicanálise e, por outro, as feministas da segunda metade do século XX, pois começavam uma comunicação sem intermediários (falavam diretamente através dos espíritos, geralmente masculinos, ao invés da mediação do psicanalista).

Portanto, o duplo, nesse caso, o ideal do self, o alter ego, o espírito, aparece tão somente enquanto negação da feminilidade em uma sociedade excessivamente fálica. A psiquiatria democrática demanda que o excluído deixe a sua posição de voz passiva e torne-se mensageiro de sua própria mensagem. No caso da história das mulheres nas ciências, isso se tornaria possível com o ingresso das mesmas em posições científicas.

Portanto, assim como na história da psicanálise na virada do século XIX, S.

<sup>6</sup> De fato, o conceito de feminilidade é sustentado por uma série de categorias auxiliares - como a própria classificação das psicopatologias - que revelam e materializam as condições sociais das mulheres da época. Os papéis sociais do homem e da mulher são revelados na própria taxonomia psicopatológica. A neurose obsessiva é geralmente associada ao homem. A histeria é geralmente associada à mulher. Sigmund Freud esboçou, na metade da década de 1890, a sua classificação das neuroses em seus trabalhos *As Neuropsicoses de Defesa* (1894) e *A Hereditariedade e a Etiologia das Neuroses* (1896). As neuroses foram divididas entre *neuroses atuais* e *psiconeuroses*. As *neuroses atuais* foram divididas entre *neurastenia* e *neurose de angústia*. As *psiconeuroses* foram divididas em *histeria* e *neurose obsessiva*. O caso clássico na obra freudiana de neurose obsessiva, ao contrário das histéricas que são todas mulheres, é de um homem, a saber, o *Homem dos Ratos* (caso do seu paciente Ernst Lanzer) publicado como *Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva* (1909).



Spielrein, H. Deutsch, J. Riviere, E. Rosenfeld e L. Andreas-Salomé se tornaram as primeiras psicanalistas (teorizando a partir da perspectiva anteriormente reservada a uma parte dos “excluídos”), Franca Ongaro, embora de uma geração diferente, tornou-se também uma das mais importantes figuras teóricas, assim como ativista, do movimento da psiquiatria democrática. Em *Mujer, Locura y Sociedad*, obra de 1983, Franca Ongaro problematizou a concepção, fundante da medicina psiquiátrica, de um sujeito universal, apontando para as condições históricas que reduziram as mulheres ao corpo, à natureza e ao irracional:

A mulher tem sido, por séculos, corpo e propriedade do homem, propriedade confirmada, de modo exitoso, pela subordinação econômica. Em troca deste corpo e desta propriedade, o homem tem oferecido proteção à mulher e, graças à proteção oferecida, tem conseguido inventar, tanto a realidade, quanto a ideologia, da debilidade *natural* feminina, traduzindo esta diferença original como inferioridade (Basaglia, 1983, p. 37, grifo da autora).

A patologização do feminino (dimensão excluída das sociedades democráticas até recentemente sem questionamento), como no caso da concepção psicanalítica da “inveja do pênis”, tonou-se, através da progressiva inclusão das mulheres em carreiras científicas (como médicas psiquiatras e psicanalistas) e no engajamento político, social e cultural, cada vez mais passível de críticas e reformulações.

Desse modo, ao tomarmos uma instância particular de excluído, a saber, a mulher, podemos perceber quão profícua são as reflexões e a experiência mais geral da psiquiatria democrática para pensarmos instâncias particulares de exclusão. De fato, o conceito de duplo poderia ser aplicado a cada uma das instâncias de excluídos (seja relativa a questões de gênero, raça/etnia, classe, divisão centro e periferia na divisão internacional do trabalho no capitalismo moderno, e assim por diante).

Finalmente, gostaríamos de delinear como as experiências e teorizações dos Movimentos Antimanicomial e Antipsiquiátrico (incluindo os autores citados, Franco e Franca Basaglia, E. Goffman, R. D. Laing, T. S. Szasz, entre outros), nas décadas de 1960 e 1970, poderiam ser reavaliados sob o ponto de vista da historiografia mais recente das ciências PSI (psicologia, psicanálise e psiquiatria), assim como (no caso da questão de gênero) da história e da filosofia das ciências feministas, que se desenvolveu plenamente apenas a partir da década de 1980.

### **A Psiquiatria Democrática REVISITADA sob a Luz da Recente Historiografia das Ciências (o duplo em sentido epistêmico)**

As críticas de Franco e Franca Basaglia ao cientificismo e ao tecnicismo na psiquiatria e à sua reificação e visão a-histórica e apolítica, assim como seus conceitos dialéticos – como os conceitos de *instituição negada*, *exclusão/excluído*, *desviante*, e assim por diante (que, para o propósito desse trabalho, resumimos no



conceito de duplo) – poderiam ser revisitadas sob a luz da literatura mais recente em Estudos de Ciências (história e filosofia da ciência e sociologia do conhecimento científico).

A *Instituição Negada*, obra de Franco Basaglia de 1968, é fruto de sua experiência entre 1961 a 1968 como diretor do hospital psiquiátrico de Goriza. As suas reflexões, todavia, não dialogam, naturalmente, com a história e a filosofia das ciências, que nascem por volta da mesma época, mas que apenas amadurecem nas décadas de 1970 e 1980 (época em que surge também a epistemologia feminista). A historiografia contemporânea das ciências PSI (psicologia, psicanálise e psiquiatria) é ainda mais recente.

O mesmo não poderia se dizer (talvez) da obra de Franca Ongaro, *Mujer, Locura y Sociedad*, obra de 1983, portanto, mais recente (cujo último capítulo, um comentário da antropóloga Dora Kanoussi, intitula-se *O espaço histórico do feminismo*). Franca, consciente da historicidade do conjunto dos conceitos psiquiátricos, busca por sua genealogia, apontando que, “quantitativamente, a mulher é considerada mais louca que os homens na Cultura Ocidental” (Basaglia, 1983, p. 32), e propondo-se a “investigar a *loucura* das mulheres a enfocando como um fenômeno explicitamente e historicamente determinado” (p. 56).

## 1. A virada historicista da “visão recebida da filosofia da ciência”

A estória *O Alienista* envolvendo o personagem Dr. Bacamarte e a Casa Verde já é uma crítica velada ao positivismo dominante à época do autor Machado de Assis (1839-1908). Todavia, a tradição do positivismo do século XIX foi relida de forma original a partir das valiosas contribuições da lógica moderna. Por conseguinte, o positivismo lógico (ou neopositivismo), como ficou conhecido, floresceu na primeira metade do século XX (em especial nas décadas de 1920 e 30) nos chamados *Círculo de Viena* (através de autores como Moritz Schlick, Hans Hahn, Otto Neurath e Rudolf Carnap), *Círculo de Berlim* (através de autores como Carl Gustav Hempel e Hans Reichenbach) e *Círculo de Varsóvia* (através de autores como Kazimierz Twardowski e Alfred Tarski), tornando-se, como ficou conhecida, a “visão recebida da filosofia da ciência”.

De fato, a partir desta visão de ciência recebida, qualquer crítica ao cientificismo e ao tecnicismo na psiquiatria ficava bastante dificultada (como se fôssemos cegos a essa dimensão pragmática, histórica e institucional da construção do conhecimento científico e tecnológico). A ciência, com efeito, nos parece, nessa visão de ciência, a-histórica. Entretanto, já na década de 1930, autores como Karl Popper criticara o chamado *verificacionismo* dos neopositivistas, propondo, não obstante, outra “lógica” para a pesquisa científica, o chamado *falsificacionismo* (mantendo, portanto, a nossa concepção de ciência presa a essa jaula conceitual, de onde per-





demos de vista a dimensão concreta da construção do conhecimento).

Todavia, nas décadas seguintes, todas estas noções epistemológicas e metodológicas – como o falsificacionismo e o verificacionismo – foram questionadas. Podemos citar como exemplos as próprias críticas iniciais ao indutivismo de Popper, a crítica à distinção entre juízos analíticos e sintéticos (de W. V. O. Quine, em *Os Dois Dogmas do Empirismo*), a virada linguística (de L. Wittgenstein), a ideia de que uma hipótese ao ser “falsificada” pode recorrer a hipóteses auxiliares (tese de Duhem-Quine), o holismo epistemológico e o holismo semântico (de W. V. O. Quine, O. Neurath e D. Davidson), os novos problemas da indução (de Nelson Goodman) e a tese que afirma que qualquer observação é impregnada pela teoria do observador (de N. R. Hanson).

O resultado destas críticas (e tantas outras) foi o término de distinções como linguagem observacional e linguagem teórica ou contexto da descoberta e contexto da justificação que marcavam a “visão recebida da filosofia da ciência”. Através dos trabalhos de autores como Stephen Toulmin, Paul Feyerabend e Thomas Kuhn, a história da ciência e a chamada Sociologia do Conhecimento Científico, que se tornaram disciplinas independentes da “visão recebida da filosofia da ciência”, levaram ao reconhecimento, na comunidade de Estudos de Ciências em geral, que fatores pessoais, culturais, históricos e sociais entram nas teorias e nos modelos da ciência (o que ficou conhecido como a *virada historicista* nos estudos de ciências).

A obra *Estrutura das Revoluções Científicas*, de 1962, de Thomas Kuhn, é um divisor de águas nesse sentido (como sugere a figura 1 abaixo). A Sociologia do Conhecimento Científico, por sua vez, explodiu como consequência desses avanços nas décadas de 1970 e 1980, diferenciando-se da Sociologia da Ciência Funcionalista dos três quartos de século anterior – muito associada ao sociólogo americano Robert Merton (1910-2003). O Programa Forte da Escola de Edimburgo (de D. Bloor e B. Barnes), a Etnografia e o Construtivismo Social (de B. Latour e K. Cetina), a Etnometodologia e a Antropologia da Ciência (de S. Woolgar, M. Lynch e H. Garfinkel) e a Escola de Bath e os Estudos de Controvérsias (de H. Collins e T. Pinch) são algumas das principais abordagens metodológicas nesta orientação da Sociologia do Conhecimento Científico que floresce a partir de meados da década de 1970 (como também indica a figura 1 abaixo).

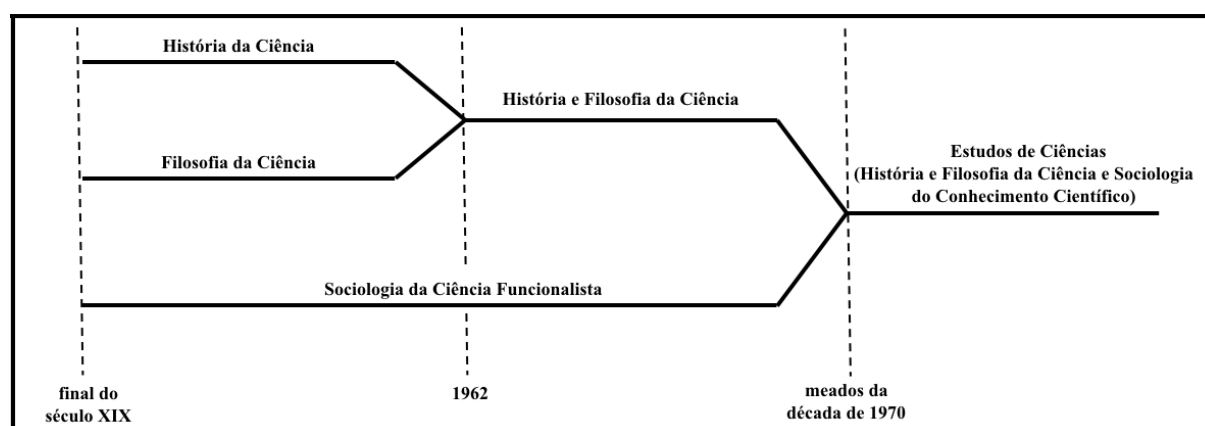
Assim, embora ainda algumas teorias de progresso pós-kuhnianas (como nas obras de I. Lakatos e L. Laudan) tenham sido propostas à época, a ideia de um self científico moderno universal em marcha para o progresso foi colocada em dúvida. De toda sorte, percebeu-se um duplo (ou sombra) em sentido epistêmico, ao se questionar as atribuições assimétricas de credibilidade científica, de autoridade cognitiva e de expertise, questionandose a própria concepção de “sujeito conhecedor”, supostamente neutro e independente de valores – concepção, porém, tacitamente enviesada e atravessada por uma visão excludente de conhecimento.

É questionada, também, a pretensão de uma história universal do conhecimento científico e filosófico, cuja suposta neutralidade política, de gênero (etnia, classe, raça) e cultural, através de um hipotético sujeito conhecedor (self científico), neutro, a-histórico e universal, na verdade, mascara a invisibilidade dos “dissidentes”, “excluídos”, “desviantes” nos saberes científicos e filosóficos. Tivessem Franco e Franca Basaglia vivenciado essa explosão de abordagens e perspectivas em Estudos de Ciências, teriam, provavelmente, incorporado-as em seus trabalhos e reflexões, visto que são instrumentos perfeitamente adequados para se pensar a psiquiatria democrática.

De toda sorte, em frase que se tornou célebre, o filósofo da ciência Imre Lakatos (1987) expressou bem a amálgama entre história da ciência e filosofia da ciência a partir da década de 1960 (como aponta a figura 1 abaixo): “A Filosofia da Ciência sem a História da Ciência é vazia; a História da Ciência sem a Filosofia da Ciência é cega” (p. 11). Abria-se, assim, todo um flanco de críticas a concepções epistêmicas tradicionais que pareciam fechadas em uma perspectiva, por vezes, *a priori*, racionalista e a-histórica, uma suposta visão a partir de um fictício “eu” científico moderno, universal e objetivo (que excluía os “eus” dissidentes e desviantes [o duplo] da construção dos saberes, e o que ajudava a endossar o cientificismo, o tecnicismo e a reificação e a visão a-histórica e apolítica da psiquiatria institucional).

### Figura 1

*Desenvolvimento histórico dos Estudos de Ciências a partir da amálgama entre História e Filosofia da Ciência, seguida do desenvolvimento da Sociologia do Conhecimento Científico.*



## 2. A explosão da História Social nas décadas de 1960 e 1970 e o nascimento da história das ciências PSI.

Em paralelo a esse desenvolvimento dos Estudos de Ciências, disciplinas e abordagens historiográficas inovadoras proliferavam nas décadas de 1960 e 1970,



dentre essas a História Social (e a História das Mulheres, em particular, que explodiu na década de 1980). A História Social oferecerá as ferramentas (a chamada “história de baixo para cima”) para revelar esse duplo escondido/ reprimido na história política tradicional. O historiador Edward P. Thompson publicou o seu artigo seminal *The History from Below*, em 1966, em *The Time Literary Supplement*. O objetivo era retirar da negligência da história política tradicional a história das pessoas comuns (como o desviante, o oprimido, o subalterno, e assim por diante).

A *história de baixo para cima* explodiu na década de 1970. O historiador Eric Hobsbawn, em seu ensaio de 1988, *A História de Baixo para Cima*, explicou como “a maior parte da história no passado era escrita para a glorificação e talvez para o uso prático dos governantes” (Hobsbawn, 1997, p. 280). A chamada *people’s history*, como a famosa *A People’s History of the United States*, de Howard Zinn (1980), reverteu esta situação, revelando o conflito de interesses (entre governantes e governados, capitalistas e trabalhadores, mestres e escravos, e assim por diante) a partir da história do lado mais fragilizado (estando a chamada *Women’s History* entre algumas das especialidades surgidas a partir dessa revolução na historiografia tradicional).

A História das Ciências PSI (psicologia, psicanálise e psiquiatria), nesse sentido pós-kuhniano, por sua vez, demorou a amadurecer quando comparada com as demais histórias das ciências naturais. Todavia, seria hoje de importância fundamental para reavaliarmos os Movimentos Antimanicomial e Antipsiquiátrico (em especial as críticas de Franco e Franca Basaglia à psiquiatria institucional).

De fato, estudos etnopsicológicos recentes têm produzido uma enorme quantidade de evidências da não universalidade das categorias fundamentais das ciências PSI: psicologia, psiquiatria e psicanálise (como cognição, emoção, personalidade, aprendizagem, inteligência e motivação) (Markus & Kitayama, 1991; Danziger, 1990). Desta forma, torna-se patente a natureza histórica dos conceitos e categorias da psicologia moderna. As categorias psicológicas, por sua vez, – como personalidade (categoria que presume a existência de indivíduos cujos atributos são abstraídos e isolados de suas esferas sociais) – se fundamentam em distinções que, como tem mostrado literatura recente, também são construções históricas (como a própria distinção entre indivíduo e sociedade, ou a oposição entre racional e irracional, ou a separação entre cognitivo e afetivo) (Taylor, 1989; Rose, 1998).

Essas categorias e conceitos, visto que são tacitamente assumidos; essas distinções e oposições, dado que são implicitamente subentendidas; perdem as suas historicidades em livros-textos universitários e na transmissão do conhecimento psicológico, psiquiátrico e psicanalítico. A história do indivíduo e a história da sociedade, assim como as categorias e os conceitos da psicologia, são, nos relatos históricos das ciências PSI, como encontrados nas universidades, histórias distintas e mutuamente independentes, senão muitas vezes excludentes. A histo-



riografia recente da psicologia tem cumprido a tarefa de superar esta perspectiva a-histórica e presenteísta da história da psicologia<sup>7</sup> (Danziger, 1990, 1997; Smith, 2013). A reflexão propriamente epistemológica, que tem uma origem mais remota (Foucault, 1961, 1963; Canguilhem, 1966; Assoun, 1981; Koch, 1999), tem tanto contribuído, quanto se beneficiado, desta “nova história da psicologia”<sup>8</sup>.

É patente o quanto os trabalhos e reflexões de Franco e Franca Basaglia, assim como suas críticas acima mencionadas à psiquiatria institucional, antecederam em algumas décadas – a partir de um saber concreto e militante – essa rica historiografia (da *people's history*) da História Social e das ciências PSI surgidas nos Estudos de Ciências pós kuhniano.

### 3. A emergência da epistemologia feminista na década de 1980

A ideia de onda em sentido físico, que se propaga no tempo (tem um período de duração), que tem uma crista (um ápice, clímax, apogeu), seguida de um vale (uma queda, ruína, declínio), é bastante adequada para se referir as ondas (primeira e segunda) do feminismo. Depois de um retrocesso das conquistas de direitos das mulheres no século XIX na Europa e nos EUA, uma segunda onda do feminismo (o feminismo acadêmico) surge por volta da década de 60 do século XX.

*O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1908-1986), de 1949, foi uma obra seminal e pioneira. Todavia, é no período das décadas de 1960 e 1970 que o feminismo acadêmico (feminismo de segunda onda) emerge com toda força (como aponta a Figura 2) através de obras, também seminais e pioneiras, como *A Mística Feminina*, de Betty Friedan (1921-2006), de 1963, *Política Sexual*, de Kate Millett (1934-2017) e *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*, de Shulamith Firestone (1945-2012), ambas obras de 1970, além de *Woman's Estate*, de Juliet Mitchell (nascida em 1940), de 1971, e *A Mulher Eunuco*, de Gemaine Greer (nascida em 1939), também de 1970. Ademais, Luce Irigaray (nascida em 1930), filósofa feminista belga, publicou, em 1974, *Espelho da Outra Mulher*.

<sup>7</sup> O historiador da psicologia Kurt Danziger (1997) diferencia as duas historiografias ao notar que “escrever história não é o mesmo que explorar a historicidade” (pp. 11-12). O autor de *Naming the Mind: How Psychology Found Its Language* acrescenta: “é bem possível escrever uma história de um modo absolutamente a-histórico” (pp. 11-12). Danziger chama esta história a-histórica de essencialista: “Nestes casos, a história é substituída pelo essencialismo. As categorias atualmente em voga na psicologia americana são tomadas como expressões de características essenciais e atemporais da natureza humana. Uma abordagem deste tipo é inevitavelmente vítima de um paroquialismo grosseiro que eleva preocupações localizadas e efêmeras à condição de verdades eternas” (pp. 11-12). O historiador se diferencia da perspectiva presenteísta ao afirmar que se deve começar “com o pressuposto de que a essência das categorias psicológicas está na condição de objetos historicamente construídos” (pp. 11-12).

<sup>8</sup> A expressão é de Roger Smith (2013) em *Between Mind and Nature: A History of Psychology*: “Esta é uma nova história da psicologia, baseada em meio século de pesquisas, a partir da perspectiva do historiador da ciência. É uma história crítica, no sentido que lança um olhar sobre a psicologia a partir de fora: entende historicamente a atividade e as convicções da disciplina, não tomando a forma de pensar da psicologia como dada (ou certa)” (p. 7, grifo do autor).

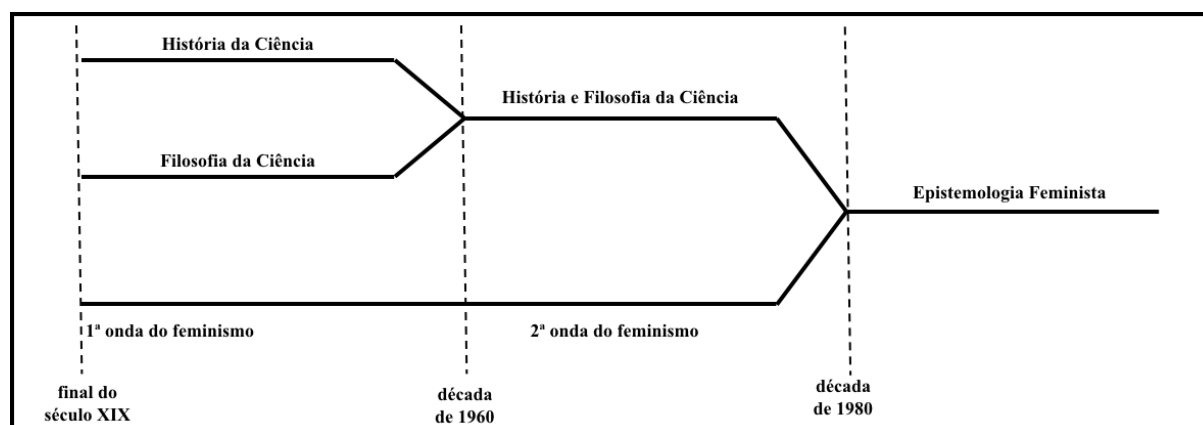


É, também, na década de 1970, que nascem os principais periódicos interdisciplinares pioneiros em estudos feministas, estudos das mulheres e estudos de gênero e os primeiros Programas de Estudos das Mulheres nas universidades americanas. Portanto, entre as décadas de 1970 e 1980, devido ao movimento feminista, há uma proliferação de espaços culturais – livrarias, editoras, cursos, exposições, simpósios, congressos –, além de centros e redes de apoio (jurídico, médico, psicológico, cultural), os chamados grupos de conscientização, clínicas de saúde (onde a mulher encontra informação e atendimento ginecológico e obstétrico), centros de socorro (onde a mulher vítima de violência encontra um suporte imediato), e toda uma literatura panfletária (jornais, revistas, livros, panfletos, e assim por diante).

Todavia, somente na década de 1980, essa rica literatura se encontra com a literatura também nascente em Estudos de Ciências. A Figura 2, abaixo, ilustra como a segunda onda do feminismo (o feminismo acadêmico) amadureceu em paralelo com a amálgama das disciplinas história e filosofia das ciências nas décadas de 1960 e 1970 (o que se tornariam os Estudos de Ciências) para, na década de 1980, as duas áreas, a saber, Feminismo (Estudos das Mulheres) e Estudos de Ciências, se fundirem dando origem às epistemologias feministas.

## Figura 2

*Desenvolvimento histórico da epistemologia feminista a partir da amálgama entre História e Filosofia da Ciência e Sociologia do Conhecimento Científico e dos Estudos de Ciências.*



Portanto, é dentro desse contexto frutífero que se desenvolve a amálgama entre Estudos de Ciências, Feminismo e Estudos das Mulheres na década de 1980 (como aponta a Figura 2), como as obras precursoras de Alison Jaggar, *Feminist Politics and Human Nature*, de 1983, cujo capítulo 11 é dedicado à epistemologia e às questões metodológicas; de Evelyn Fox Keller, *Reflections on Gender and Science*, de 1985; de Sandra Harding, *The Science Question in Feminism*, de 1986; de Londa Schiebinger, *The Mind Has No Sex?: Women in the Origins of Modern Science*, e o estudo pioneiro de Donna Haraway, *Primate Visions: Gender, Race, and Nature*



*in the World of Modern Science*, ambas obras de 1989. Em 1983, Sandra Harding e Merrill Hintikka também editaram *Discovering Reality: Feminist Perspective on Epistemology, Metaphysics, and Philosophy of Science*.

É nesse sentido que o duplo, na categoria gênero em particular, pode ser melhor entendido e explicitado. Em sua obra *Objectivity and Diversity: Another Logic of Scientific Research*, de 2015, Sandra Harding argumenta que o aumento da diversidade de pontos de vistas é concomitante ao aumento de objetividade na pesquisa científica (o que Harding chama de “objetividade forte”, em oposição a uma “objetividade fraca” de epistemes excludentes). A integração do duplo (ou sombra), portanto, em sentido epistêmico (onde os pontos de vistas dos excluídos são levados em consideração), aumenta a objetividade (cientificidade) das ciências PSI. É esse o sentido epistêmico da psiquiatria democrática. O moto *A Liberdade é Terapêutica* possui uma dimensão epistêmica, pois o seu poder terapêutico consiste em seu aumento de objetividade (e integração do duplo). Ou seja, Democracia, Liberdade e Objetividade se desenvolvem concomitantemente.

## Conclusão

O duplo enquanto fenômeno das sociedades modernas no Ocidente é produto de uma democracia inacabada (ao mesmo tempo em que os ideais democráticos incitam o *self* à individualização, em contraposição, as estruturas de poder o aviltam, o exclui, caso a caso).

O duplo, portanto, “aparece” – como “fantasma”, como categoria (pseudo)científica (e como “fenômeno”, que significa, precisamente, “aquilo que aparece”) – em uma organização cujo estrutura de poder é hierárquica. Hoje temos um quadro teórico muito mais ampliado para reavaliar as conquistas práticas e teóricas (poder-se-ia dizer, epistêmicas) da psiquiatria democrática e do duplo como revelado no pensamento de Franco e Franca Basaglia.

De fato, em entrevista à Revista Veja, em 1978, por ocasião de sua visita ao Brasil, Franco Basaglia foi perguntado a respeito da cientificidade da psiquiatria e da possibilidade de seu uso para a liberação (ao invés de para a repressão/ alienação). Ou seja, a questão de saber como seria possível uma psiquiatria libertária e científica. A sua resposta aponta claramente como o seu conceito de ciência (diferente de ideologia) e a sua proposta libertária andavam juntas:

Isso só é possível quando o povo participa da coisa pública. Se a ciência, as leis, as instituições são expressão das necessidades do povo, então elas estarão a serviço do povo. Mas, como a ciência é ideologia, e a ideologia é ciência, o que provém dessa situação institucional passa a ser sempre um ato de controle social (Basaglia, 1978, p. 75).

A psiquiatria democrática é uma proposta radical (radical no sentido etimoló-



gico próprio do termo, ou seja, de conhecer as causas pela raiz, assim como propor/ sugerir soluções efetivas/ radicais). *A liberdade é terapêutica* é mais do que um lema, é um programa e um chamado para levar uma democracia inacabada à sua completa realização. É, finalmente, uma reflexão que transcende os simples muros das instituições de onde nasceu, floresceu e frutificou.<sup>9</sup>

## Referências

- Appignanesi, L. & Forrester, J. (2010). *As Mulheres de Freud*. Editora Record.
- Assis, M. (1993). *O Alienista e O Espelho*. Ediouro Publicações. (Original publicado em 1882)
- Assoun, Paul-Laurent. (1981). *Introdução à Epistemologia Freudiana*. Imago.
- Assoun, Paul-Laurent. (1993). *Freud e a mulher*. Jorge Zahar.
- Basaglia, F. (1978, 01 de novembro). Idéias: Freud já não explica. *Revista Veja*.
- Basaglia, F. (1980). *Franco Basaglia – A Psiquiatria Alternativa: Contra o Pessimismo da Razão, o Otimismo da Prática (Conferências no Brasil)*. Brasil Debates.
- Basaglia, F. (1981). *Boletim Sociedade Mineira de Psicologia: Especial Franco Basaglia*. Sociedade Mineira de Psicologia.
- Basaglia, F. (1985). *A Instituição Negada*. Edições Graal. (Original publicado em 1968)
- Basaglia, F. (2005). A Doença e seu Duplo: Propostas Críticas sobre o Problema do Desvio. In *Escritos Seleccionados em Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica* (pp.161-186). Gramon Universitária.
- Basaglia, F. (2005). A Maioria Desviante. In: *Escritos Seleccionados em Saúde Mental e Reforma Psiquiátrica*. Gramon Universitária. (Original publicado em 1971)
- Basaglia, F. O. (1982). *Uma Voce: riflessioni sulla donna*. Il Saggiatore, Milano.
- Basaglia, F. O. (1983). *Mujer, Locura y Sociedad*. Universidade Autónoma de Puebla, México.

<sup>9</sup> Agradecimentos: Os autores gostariam de agradecer ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e às valiosas sugestões dos pareceristas.



- Beauvoir, S. (1970). *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*. Difusão Europeia do Livro. (Original publicado em 1949)
- Braude, A. (1989). *Radical spirits: spiritualism and women's right in nineteenth-century America*. Indiana University Press.
- Canguilhem, G. (1966). *O Normal e o Patológico*. Forense Universitária.
- Danziger, K. (1990). *Constructing the Subject: Historical Origins of Psychological Research*. Cambridge University Press.
- Danziger, Kurt. (1997). *Naming the Mind: How Psychology Found Its Language*. Sage Publications.
- Ellenberger, H.F. (1970). *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. Basic Books.
- Firestone, S. (1970). *The Dialectic of Sex: The Case for Feminist Revolution*. William Morrow and Company Inc.
- Foucault, M. (1961). *História da Loucura na Idade Clássica*. Perspectiva.
- Foucault, M. (1963). *O Nascimento da Clínica*. Forense Universitária.
- Freud, S. (1996). A Hereditariedade e a Origem das Neuroses. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (v. 3, pp. 141-155). Imago. (Original publicado em 1896)
- Freud, S. (1996). As Neuropsicoses de Defesa. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 3, pp. 51-77). Imago. (Original publicado em 1894)
- Freud, S. (1996). Estudos sobre a Histeria. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 2, pp. 13-329). Imago. (Original publicado em 1895)
- Freud, S. (1996). Notas Sobre um Caso de Neurose Obsessiva. In *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Vol. 10, pp. 137-273). Imago. (Original publicado em 1909)
- Friedan, B. (1963). *The Feminine Mystique*. W.W. Norton.
- Galvan, J. (2010). *The Sympathetic Medium: Feminine Channeling, the Occult, and Communication Technologies, 1859-1919*. Cornell University Press.
- Goffman, E. (1974). *Manicômios, Prisões e Conventos*. Editora Perspectiva. (Ori-





ginal publicado em 1961)

Goulart, M. S. B. (2004). *De Profissionais a Militantes: A Luta Antimanicomial dos Psiquiatras Italianos nos Anos 60 e 70*. [Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas – Sociologia e Política, Universidade Federal de Minas Gerais]. Repositório Institucional da UFMG. <http://hdl.handle.net/1843/VCSA-6W9GWX>

Greer, G. (1970). *A Mulher Eunuco*. Editora Artenova.

Haraway, D. (1989). *Primate Visions: Gender, Race, and Nature in the World of Modern Science*. Routledge.

Harding, S. (1986). *The Science Question in Feminism*. Cornell University Press.

Harding, S. (2015). *Objectivity and Diversity: Another Logic of Scientific Research*. University of Chicago Press.

Hobsbawm, E. (1997). *Sobre História*. Companhia das Letras.

Irigaray, L. (1985). *Spectrum of the Other Woman*. Cornell University Press. (Original publicado em 1974)

Jaggar, A. (1983). *Feminist Politics and Human Nature*. The Harvester Press.

Keller, E. F. (1985). *Reflections on Gender and Science*. Yale University Press.

Koch, S. (1999). *Psychology in Human Context: Essays in Dissidence and Reconstruction*. The University of Chicago Press.

Kuhn, T. (1962). *Estrutura das revoluções científicas*. Editora Perspectiva.

Laing, R. D. (1973). *O Eu Dividido: Estudo Existencial da Sanidade e da Loucura*. Vozes. (Original publicado em 1960)

Laing, R. D. (1974). *A Política da Experiência e A Ave do Paraíso*. Vozes. (Original publicado em 1967)

Lakatos, I. (1987). *História da Ciência e suas Reconstruções Racionais*. Edições 70.

Lehman, A. (2009). *Victorian Women and the Theatre of Trance: mediums, spiritualists and mesmerists in performance*. Mc Farland & Company.

Markus, H. R. & Kitayama, S. (1991) Culture and the Self: Implications for Cognition, Emotion, and Motivation. *Psychological Review*, 98(2), 224-253.



<https://doi.org/10.1037/0033-295X.98.2.224>

- Massicotte, C. (2017). *Trance Speakers: Femininity and Authorship in Spiritual Séances, 1850-1930*. McGill-Queen's University Press.
- Millet, K. (1970). *Sexual Politics*. University of Illinois Press, Urbana and Chicago.
- Mitchell, J. (1971). *Woman's Estate*. Penguin Books.
- Owen, A. (1989). *The Darkened Room: Woman, Power, and Spiritualism in Late Victorian England*. University of Chicago Press.
- Quine, W. V. O. (1953). Two Dogmas of Empiricism. In *From a Logical Point of View* (p. 20-46). Harper and Row.
- Rocha, G. R & Rocha, L. F. S. (2017). Uma história social do conceito de feminilidade na psicanálise de 1910 a 1930. *Scientiae Studia*, 15(1), 121-144. <https://doi.org/10.11606/51678-31662017000100007>
- Rose, N. (1998). *Inventando Nossos Selves: Psicologia, Poder e Subjetividade*. Vozes.
- Schiebinger, L. (1989). *The Mind Has no Sex? Women in the Origins of Modern Science*. Harvard University Press.
- Serapioni, M. (2019). Franco Basaglia: biografia de um revolucionário. *Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 26(4), 1169-1187. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702019000400008>
- Smith, R. (2013). *Between Mind and Nature: A History of Psychology*. Reaktion Books.
- Szasz, T. S. (1977). *Ideologia e Doença Mental: Ensaios sobre a Desumanização Psiquiátrica do Homem*. Zahar Editores.
- Szasz, T. S. (1984). *A Fabricação da Loucura: Um Estudo Comparativo entre a Inquisição e o Movimento de Saúde Mental*. Editora Guanabara.
- Taylor, C. (1989). *As Fontes do Self: A Construção da Identidade Moderna*. Edições Loyola.
- Thompson, E. P. (1966). History from Below. *Times Literary Supplement*, 7, 279-80.
- Zinn, H. (2015). *A People's History of the United States*. Harper Perennial. (Original publicado em 1980)



### **Nota sobre o autor e a autora:**

Luana Fonseca da Silva Rocha é doutoranda em História das Ciências na Universidade federal de Minas Gerais (UFMG), onde desenvolve pesquisa de doutorado em história das mulheres na psicanálise. É graduada em Psicologia pela PUC-MG, mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências pela UFBA-UEFS e trabalha na interseção entre história das mulheres, feminismo e estudos de ciências E-mail: [luafsilva@hotmail.com](mailto:luafsilva@hotmail.com)

Gustavo Rodrigues Rocha é professor no Departamento de Física da Universidade Estadual de Feira de Santana (DFIS-UEFS) E-mail: [gustavo.rodrigues.rocha@gmail.com](mailto:gustavo.rodrigues.rocha@gmail.com)

**Data de submissão:** 19.04.2022

**Data de aceite:** 29.03.2023